



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

ALUIZIA PESSOA ARAÚJO

**DIÁLOGO DE TRÊS ESCRITORAS PARAIBANAS SOBRE LITERATURA DE
AUTORIA FEMININA, À LUZ DE *UM TETO TODO SEU*, DE VIRGÍNIA WOOLF**

CAMPINA GRANDE

2022

ALUIZIA PESSOA ARAÚJO

**DIÁLOGO DE TRÊS ESCRITORAS PARAIBANAS SOBRE LITERATURA DE
AUTORIA FEMININA, À LUZ DE *UM TETO TODO SEU*, DE VIRGÍNIA WOOLF**

Trabalho de conclusão de curso (Monografia),
apresentado à Coordenação de Letras -
Português, da Universidade Estadual da
Paraíba como requisito parcial à obtenção do
título de Graduada em Licenciatura em Letras
- Português.

Área de concentração: Estudos socioculturais
pela Literatura

Orientadora: Profa. Dra. Silvana Kelly Gomes de Oliveira.

CAMPINA GRANDE – PB

2022

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A663d Araujo, Aluizia Pessoa.
Diálogo de três escritoras paraibanas sobre literatura de autoria feminina, à luz de Um teto todo seu, de Virginia Woolf [manuscrito] / Aluizia Pessoa Araujo. - 2022.
46 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2022.
"Orientação : Profa. Dra. Silvanna Kelly Gomes de Oliveira, Departamento de Letras e Artes - CEDUC."
1. Literatura contemporânea. 2. Mulher. 3. Escritoras paraibanas. I. Título

21. ed. CDD 801.95

ALUIZIA PESSOA ARAÚJO

**DIÁLOGO DE TRÊS ESCRITORAS PARAIBANAS SOBRE LITERATURA DE
AUTORIA FEMININA, À LUZ DE *UM TETO TODO SEU*, DE VIRGÍNIA WOOLF**

Trabalho de Conclusão (monografia)
apresentado ao curso de Graduação em Letras,
da Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
graduada em Letras – Língua Portuguesa.

Área de concentração: Estudos socioculturais
pela Literatura

Aprovada em: 02/03/22

BANCA EXAMINADORA

Silvanna Kelly Gomes de Oliveira

Profa. Dra. Silvanna Kelly Gomes de Oliveira / UEPB

Orientadora

Kalina Naro Guimarães

Profa. Dra. Kalina Naro Guimarães / UEPB

Examinador interno

Tássia Tavares de Oliveira

Profa. Dra. Tássia Tavares de Oliveira / UFCG

Examinador externo

Para meus pais, minhas irmãs e irmãos, dedico.

AGRADECIMENTOS

Aos familiares e amigos, por todo o apoio e incentivo, sozinha teria sido muito mais difícil.

Às minhas colegas de turma (meu quarteto), que juntas rimos de nervosas e juntas seguimos em frente durante essa jornada acadêmica, obrigada pela parceria e ajuda.

E meus mais sinceros agradecimentos (*in memoriam*) à Erenice (Nicinha), Maria Francisca (Lia) e Ceci Maria (Mãe Cé), mulheres ímpares que hoje brilham no céu juntinhas. As três me viram iniciar esse ciclo, mas hoje não se encontram neste plano para ver o encerramento dessa fase. A vocês, fica registrado eternamente minha gratidão.

Às escritoras que aceitaram participar da pesquisa, obrigada por suas contribuições, sem vocês, este trabalho não teria sido possível.

À minha orientadora Silvana Kelly que aceitou embarcar nessa pesquisa comigo, obrigada pela paciência, incentivo e auxílio.

Grata a todos e todas.

“O primeiro grande ato de rebeldia das mulheres foi o de querer ler, e o segundo, o de aprender a ler. Porque ler é saber.”

(Christine de Pisan, 1405)

RESUMO

Nossa pesquisa, busca compreender e discutir: quais são as circunstâncias, dificuldades e perspectivas de escrita vivenciadas por um grupo de autoras paraibanas: Fabiana Araújo, Jadna Alana e Samelly Xavier contemporâneas em comparação com a obra de Woolf “*Um teto todo seu*” (2014). Objetivamos comparar as concepções condicionantes ao gênero feminino apresentadas por Woolf e confrontar com a realidade de mulheres que se aventuram a desempenhar esse ofício quase um século após a publicação do livro. Esta pesquisa admite um caráter qualitativo, definido por Severino (2007, p. 119), como “conjuntos de metodologias, envolvendo, eventualmente, diversas referências epistemológicas” e com viés descritivo das condições sociais desempenhadas pelas mulheres na literatura ao longo do século XIX ao século XXI. Como aporte teórico, utilizamos Paixão (1991), Cunha (2011) e Duarte (2003; 2016), hooks (1997, 2013; 2019), Rodrigues (2015; 2016) e outros. Ao final do trabalho, constatamos que até a presente época, mulheres literatas também vivenciam aspectos sociais tais como questão financeira e desvalorização da arte, mas já contam com avanços no que tange as condições sociais elencadas por Woolf (2014) em comparativo com a atualidade.

Palavras-chave: Literatura contemporânea. Mulher. Escritoras paraibanas.

RESUMEN

Nuestra investigación busca comprender y discutir: cuáles son las circunstancias, dificultades y perspectivas de escritura vividas por un grupo de autores contemporáneos de Paraíba: Fabiana Araújo, Jadna Alana y Samelly Xavier en comparación con la obra de Woolf "Um Ceto todo Seu" (2014)). Pretendemos comparar las concepciones condicionantes del género femenino presentadas por Woolf y confrontar la realidad de las mujeres que se aventuran a ejercer esta profesión casi un siglo después de la publicación del libro. Esta investigación admite un carácter cualitativo, definido por Severino (2007, p. 119), como "conjuntos de metodologías, que involucran, eventualmente, varios referentes epistemológicos" y con un sesgo descriptivo de las condiciones sociales protagonizadas por las mujeres en la literatura a lo largo del siglo XIX. al siglo XXI. Como contribución teórica, utilizamos Paixão (1991), Cunha (2011) y Duarte (2003; 2016), ganchos (1997, 2013; 2019), Rodrigues (2015; 2016) y otros. Al final del trabajo encontramos que hasta la actualidad las mujeres alfabetizadas también experimentan aspectos sociales como los problemas financieros y la devaluación del arte, pero ya tienen avances en cuanto a las condiciones sociales enumeradas por Woolf (2014) en comparación con el presente.

Palabras clave: Literatura contemporánea. Mujer. Escritoras paraibanas.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	11
2.1	Os caminhos da literatura de autoria feminina nos séculos XIX e XX.....	
2.2	Crítica sobre a literatura de autoria feminina.....	
3	CIRCUNSTÂNCIAS, PERSPECTIVAS E DIFICULDADES DA AUTORIA FEMININA NA CONTEMPORANEIDADE À LUZ DE <i>UM TETO TODO SEU</i>, DE VIRGÍNIA WOOLF.....	21
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
	REFERÊNCIAS.....	38
	Apêndice A – Carta-convite	
	Apêndice B - Questionário	

1 INTRODUÇÃO

A figura feminina há séculos é discutida e retratada em vários meios artísticos: na pintura, na música, no teatro, na literatura e em outras manifestações artísticas. Entre essas discussões, historicamente a mulher já foi representada em papéis sociais de inferioridade frente ao discurso patriarcal conforme Millett (1969) e Miguel e Biroli (2012), que ditava como deveria ser o comportamento feminino, quais eram seus direitos e deveres.

A escolha do tema se deve a percepção de que em várias instâncias sociais, políticas e profissões, ainda há uma certa marginalização referente à atuação de mulheres, que quase sempre ocupam uma menor porcentagem desses cargos ou enfrentam obstáculos que são direcionados ao gênero feminino.

Nossa pesquisa, portanto, surge da necessidade de compreendermos a visão de três escritoras paraibanas: Fabiana Araújo, Jadna Alana e Samelly Xavier em relação às adversidades sociais e perspectivas que elas enfrentam para desempenharem o papel da escrita no século vigente, em comparativo com as visões de Virginia Woolf na obra *Um teto todo seu* (2014)

Procuramos compreender e discutir: quais são as circunstâncias, dificuldades e perspectivas de escrita vivenciadas por autoras contemporâneas em comparação com àquelas descritas na obra de Woolf? Como está, na presente época, a receptividade social com relação à mulher à literatura e o encorajamento para que estas produzam literatura? A questão do espaço pessoal e dinheiro, ainda são fatores que impactam no processo de escrita literária? O que já foi concebido como avanço para a autoria feminina desde a publicação do ensaio?

A princípio, inferimos que a escrita de autoria feminina, na época presente, possui uma maior liberdade de expressar suas obras literárias se contrastada com a trajetória histórica vivenciadas por algumas precursoras no mundo das letras em séculos anteriores. Depreendemos que ainda ocorre uma visão equivocada quanto ao papel social da mulher, ainda marcado pelo tradicionalismo patriarcal, mas que socialmente já possibilita maiores condições para que mulheres autoras sigam os caminhos literários.

Objetivamos comparar as concepções condicionantes ao gênero feminino apresentadas por Woolf e confrontar com a realidade de mulheres que se aventuram a desempenhar esse ofício quase um século após a publicação do livro; identificar como era vista a escrita de autoria feminina e se a sociedade ainda limita ou interfere na liberdade da escrita delas; constatar quais são atualmente as circunstâncias de escrita das mulheres na literatura

ficcional; analisar os dados obtidos através do *corpus* desta pesquisa com os relatos de escritoras contemporâneas à luz de “*Um teto todo seu*”.

Para obtermos os dados referentes às concepções de autoras contemporâneas, optamos pela aplicação de um questionário online para que as escritoras participantes pudessem detalhar abertamente suas experiências literárias e quais limitações vivenciam nesse âmbito. De acordo com Gil (2002), esse instrumento contém questões que devem ser respondidas pelo pesquisado, a fim de obter dados que embasem o estudo.

Nossa pesquisa admite um caráter qualitativo, definido por Severino (2007, p. 119), como “conjuntos de metodologias, envolvendo, eventualmente, diversas referências epistemológicas” e com viés descritivo das condições sociais desempenhadas pelas mulheres na literatura ao longo do século XIX ao século XXI.

A fim de verificar os fatores que tolhem uma livre expressão da literatura de autoria feminina, realizamos uma análise dos fatores históricos e culturais que teóricas investigaram ao se debruçarem sobre as condições sociais que as mulheres eram sujeitadas do século XIX até o século atual. Em seguida, explanamos as visões de Woolf (2014) ao refletir sobre “as mulheres e a ficção” e confrontamos com as percepções de escritoras contemporâneas.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Os caminhos da literatura de autoria feminina nos séculos XIX e XX

Para fundamentar a nossa pesquisa, apontaremos um breve histórico de teóricas, filósofas, escritoras, acadêmicas e pesquisadoras que se propuseram a estudar as mulheres na ficção, compreender fatores sociais que ainda reprimem as mulheres no espaço literário e em outras esferas sociais, além de investigar historicamente o papel e a importância das pioneiras que deram margem para que outras mulheres pudessem participar de espaços outrora de cunho masculino e como esses fatores afetaram e afetam essas autoras.

Em um primeiro momento, discutiremos as contribuições de Sylvia Paixão, autora da obra *A fala-a-menos* (1991) que dentre os pontos bordados, ressalta a importância dos periódicos em jornais e revistas no século XIX que deram margem às manifestações literárias de autoria feminina e, conseqüentemente, colaboraram para intensificar a identidade delas fora do ambiente doméstico. Nesta mesma obra, é abordado por Paixão (1991) que algumas autoras se desprenderam do imaginário social masculinizado da época e transpareceram em suas obras o desejo feminino, contrariando o que a autora designa de “olhar condescendente” da visão machista, o qual propagava o escárnio às mulheres e suas obras.

Para que as ficções pudessem ser divulgadas neste contexto histórico, precisariam partir de algum meio de comunicação social e a criação de periódicos femininos foi uma das formas de direcionar a imprensa para a visibilidade do discurso das mulheres e de identificar que elas eram seres sociais estigmatizadas até então. Ainda que fosse difundido nestes mesmos meios sobre as práticas voltadas ao lar, paralelamente foi concebido o espaço para que as autoras se manifestassem literariamente (PAIXÃO, 1991, p. 34-35).

Essas autoras que encararam o escrutínio separatista das condições socioculturais altamente patriarcalista ao tornarem suas produções literárias públicas, estavam fadadas ao julgamento do falocentrismo que paradoxalmente se apoiavam na ideologia doutrinante do Positivismo vigente em meados da segunda metade do século XIX (idealização do sexo feminino como casto) e se apropriavam de “mecanismo de poder” para condicionar e limitar as condições e conscientizações feminina ao que era considerado virtuoso, compassivo e maternal. (PAIXÃO, 1991, p. 41).

Como é elucidado por Paixão (1991), ainda que os textos literários de autoria feminina trouxessem resquícios do discurso de ideário masculino com elas no papel subalterno ou

doméstico, era compreensível, visto que o “lar” era onde a maioria dispunha de um local para produzir e ser esse o local que tinham para retratar suas vivências, ideias e anseios.

As mulheres estavam gradativamente redefinindo uma identidade feminina através da literatura, portanto, essas manifestações literárias são extremamente significativas para vislumbrarmos a transição das atividades delas que antes eram concentradas no lar e passaram a ser expressadas publicamente. Podemos ainda observar o perfil das escritoras naquele momento da história que além de buscar exercer papéis que antes não eram relegados a elas, em suas obras estavam abordando temáticas que na literatura eram descritas majoritariamente por homens.

Nesse ínterim, há o início da ruptura de um arquétipo opressivo, possibilitando a trajetória social da condição de mulher como ser intelectual. Todavia, Paixão (1991) assegura que “Até que a escrita se apresente livre dos subterfúgios criados no sentido de dificultar a sua expressão, inúmeros mecanismos de poder serão acionados a fim de manter a mulher no domínio do privado.” (p. 53), ou seja, as amarras falocráticas, de certo modo, interviam e oprimiam a escrita das autoras precursoras e das vieram depois.

Se a “literatura masculina” podia essencialmente externar intimidades, expressar extintos sexuais que são parte da natureza humana, mulheres escritoras não detinham da mesma liberdade para passear por temas que girassem em torno do desejo feminino, inclusive, é analisado por Paixão (1991), os versos de Gilka Machado e de outras escritoras que estão permeados de erotismo implícito à manifestação do desejo que é inerente também a mulher.

Quando autoras, em sua minoria, enquanto sujeito do discurso exprimem literariamente assuntos diversos como questões sociais de desigualdade, gênero, sexo e outros, infere que há um rompimento do “simbólico pré-estabelecido”, rejeitando o imaginário masculino (PAIXÃO, 1991, p. 100-101).

Esse desvio de ordem, no século XX, demonstra que a mulher até poderia ter entrado no universo literário, mas as opressões que ainda enfrentavam só comprovavam que não tinham total liberdade de escrita, socialmente era esperado que elas se mantivessem e se comportassem nos estereótipos de virtuosamente castas, passivas e condescendentes.

As reflexões de Paixão (1991, p. 195) são certamente lúcidas e pertinentes para assimilarmos que nos dois últimos séculos, predominava um forte autoritarismo literário para tentar restringir o que deveria ser consumido pelas leitoras (revistas e periódicos para uma boa esposa e mãe) e o teor da escrita de autoria feminina que os críticos ironizavam como secundário, evidenciando que a literatura ficcional das mulheres eram alvos de silenciamento de discurso.

Outra mulher engajada na temática é Helena Gomes Parente Cunha, que desde 1980 se dedica a pesquisar brasileiras do século XIX ao início do XXI que romperam paradigmas ao se tornarem escritoras. Através destas pesquisas, Parente Cunha faz um resgate histórico de mulheres que por muitas das vezes não tiveram seu merecido reconhecimento na época ou até mesmo atualmente. Em uma de suas obras, Cunha (2011) debate a respeito da “violência simbólica” e o sistema de dominação que é exercida inconscientemente pelo poder masculino que na perspectiva de Pierre Bourdieu, está intrínseco aos corpos.

De acordo com Cunha (2011), as produções poéticas de autoria feminina no século XIX, regularmente tematizavam romances amorosos com o poético feminino em recato, submisso, manso e puro. Isso constata o que Paixão (1991) se referia ao tolhimento de escrita em relação a temas diversos por parte das mulheres. Nestas produções, a violência simbólica estava sob a égide das condições ideológicas que elas eram colocadas.

Cunha (2011) relembra que várias autoras oitocentistas assumiram uma postura de subversão a esses mecanismos de dominação masculina, e ainda assim, a violência simbólica estava presente “na medida em que foram tantas vezes levadas a desqualificar os próprios trabalhos literários, sentindo-se pouco à vontade por invadirem o espaço tido por masculino e que, do ponto de vista patriarcalista, não lhes pertencia.” (CUNHA, 2011, p. 34). O que Cunha (2011) chama de “investigação simbólica”, observa as mudanças no perfil de escrita feminina que na contemporaneidade, se configura mais desprendido do ideário patriarcal.

Esse processo de uma escrita mais livre dos moldes impostos pela ideologia masculina, é identificado por Cunha (2011) como um rompimento de paradigmas que as grandes precursoras estavam assumindo, frente às convenções sociais daquele período. A autora descreve que o resultado eram produções literárias hesitantes que paradoxalmente reforçavam o arquétipo de inferioridade e subserviência ora protestavam contra o falocentrismo. Cunha (2011) explica ainda que, isso se deve ao desbravamento das pioneiras que buscavam ir contra o discurso que as condicionava ao ambiente doméstico e maternal para adentrar espaços relegados aos homens.

Para termos outros pontos a serem considerados nesse processo da escrita feminina ao longo dos séculos, citaremos a escritora e professora universitária Constância Lima Duarte, grande contribuinte para a temática da escrita de autoria feminina ao refletor e pesquisar fatores de cunho social, político, religioso e familiar que ditavam como as mulheres deviam se portar, quais papéis sociais podiam desempenhar mediante a visão do sexo frágil e inferiorizado. A pesquisadora traz à tona reflexões sobre a posição do gênero feminino em

uma sociedade que ainda reflete um imaginário social de superioridade entre os gêneros, conforme Scott (1995).

Em entrevista online disponibilizada pela revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística – PPLIN, SOLETRAS, podemos compreender algumas concepções desta intelectual em relação à escrita feminina. A pesquisadora relata que em suas pesquisas das autoras pioneiras, percebeu (assim como Paixão (1991)), que um dos primeiros veículos de circulação que divulgavam os poemas das escritoras eram os jornais (DUARTE, 2016, p. 14).

Quando as mulheres tiveram acesso ao letramento, Duarte (2003) alega que isso permitiu que pudessem sair da condição de apenas leitoras e adentrar na escrita literária representando a resistência da posição de sujeito domesticado, posteriormente, passaram a publicar em páginas de jornais e ampliar o alcance de suas produções ficcionais, ainda que o reconhecimento não fosse positivo aos olhos dos críticos daquele período:

Apenas em meados do século XIX começam a surgir os primeiros jornais dirigidos por mulheres. Os críticos chegam junto, considerando-a desde sempre uma imprensa secundária, inconsistente e supérflua, pois destinava-se ao segundo sexo... Mas, ainda assim, veremos o quanto aquelas páginas artesanais lograram avançar em direção à construção da identidade feminina. (DUARTE, 2003, p. 155)

A autora aponta que se expor para a sociedade enquanto escritora, culturalmente à época, não era bem-visto, portanto, para evitar represálias e proteger suas vidas privadas, as autoras em sua grande maioria recorriam a pseudônimos. Àquelas que assinalaram seus escritos, estavam à mercê de censuras e preconceitos, pois esse espaço, dentre outros, eram relegados aos homens.

Em suas obras e pesquisas, a autora debate ainda que pelo fato de os espaços de poder serem ocupados em sua maioria pelo gênero masculino, contribuiu para que obras de homens fossem preferíveis a ser divulgadas que a de mulheres, culminando para um “apagamento” dos textos literários femininos que pouco eram falados, divulgados e credibilizados, por isso, algumas mulheres e suas obras caíram em esquecimento.

Silenciar essas vozes e tudo que era externado por meio da escrita literária de autoria feminina implicava em abafar as resistências que essas mulheres simbolizavam, suas lutas, conquistas, avanços que influenciariam novas gerações.

As reflexões de Duarte (2003) em suas pesquisas sobre a mulher na literatura, nos mostram que em diversos lugares do Brasil e por várias décadas ao longo de quase dois séculos, mulheres que se destinavam à arte da escrita precisavam enfrentar inúmeros fatores

para que pudessem levar adiante suas ficções. Nesta luta, o movimento do feminismo e suas “ondas” foi crucial para que mulheres pudessem exercer a escrita e se mostrar tão intelectualmente capaz quanto qualquer homem.

Duarte (2003 p. 163-164) cita que as autoras eram tão desacreditadas e suas obras ridicularizadas e tidas como superficiais no século XX, que a obra *O quinze* de Rachel de Queiroz adentrou o mundo das letras, causando estranhamento e dúvidas quanto a sua autoria, se era realmente uma escritora que tivesse idealizado a obra.

Como é citado pela pesquisadora, essa descrença de que uma mulher havia escrito o livro referido foi confessado por Graciliano Ramos “Seria realmente de mulher? Não acreditei. (...) tão forte estava em mim o preconceito que excluía mulheres da literatura” (2003 p. 164), isso só assinala ainda mais toda a visão daquele período de que mulheres não eram vistas como seres capazes de produzir literatura tal qual os homens até então.

Vemos através da ótica de Paixão (1991), Cunha (2011) e Duarte (2003; 2016), que além da educação ser essencial para maior entendimento da condição de si, as mulheres precisaram galgar por diversas etapas e encarar inúmeros preconceitos para trilhar os caminhos dos textos literários e a circulação destes para que a sociedade e outras mulheres pudessem vislumbrar que o homem não era o único capaz de produzir literatura.

2.2 Crítica sobre a literatura de autoria feminina

No que se refere à escrita de mulheres contemporâneas, veremos alguns aspectos abordados por Gloria Jean Watkins (1952-2021), comumente conhecida pelo pseudônimo de bell hooks, esta defendia o feminismo negro e prezava por uma educação que tivesse o viés antirracista, também teve como inspiração um dos grandes nomes da educação no Brasil, Paulo Freire.

Em umas de suas obras, há um diálogo entre Gloria Watkins e bell hooks, em que hooks responde sobre sua visão a respeito de Freire: “Paulo foi um dos pensadores do qual o trabalho me deu uma linguagem. Ele me fez pensar profundamente sobre a construção de uma identidade na resistência (...)” (hooks, 2013, p. 22), isso corroborou para que a mesma buscasse visibilidade para o feminismo negro.

A autora afirma que “Foram educadores como Freire que afirmou as dificuldades que eu tinha com o sistema bancário de educação e com uma educação que de forma nenhuma tratava de minha realidade social, que fizeram uma crítica importante” (hooks, 2013, p. 125). Seu legado como filósofa e literata trouxe grandes contribuições para repensar a história

e o direito das mulheres negras, a interseccionalidade e como isso poderia ser revisto na abordagem didática.

Para hooks (2013), o diálogo é uma grande ferramenta a ser executada na educação, pois seria um ponto de partida para a formação de sujeitos que tenham consciência de um convívio social igualitário. Para esse processo pedagógico antirracista combater as diferenças de classe, gênero e raça ser significativo, hooks (2013) aponta que é necessária uma interação que conecte educadores e alunos e deixar de lado a educação mecanicista.

Em uma de suas obras, hooks (1997) relata alguns dados de sua infância e como era ser uma mulher negra nos Estados Unidos durante a década de 1950. Havia uma forte opressão para que seguissem os moldes sociais e familiar que induziam o gênero feminino a seguir carreiras domésticas e posteriormente a uma vida de casamento e filhos.

Não era comum que mulheres fossem incentivadas a desenvolver o intelecto, se o que esperava delas era submissão enquanto filhas e depois enquanto esposas. A educação, portanto, não se tornava algo que interessasse a seus opressores, ou que abrisse margem para que elas tivessem meios de exercer a criticidade.

Quanto mais conscientizada da disparidade de seu lugar social enquanto mulher em relação ao gênero masculino mais o pensamento crítico se estabeleceria e daria margem para ser opor. Seguindo o raciocínio de hooks (2019) com relação as convenções da época, quem iria querer uma mulher com tendência a questionar? Que não aceita as imposições passivamente? A própria autora menciona que sempre foi uma criança que discursava sobre variados temas até quando a conversa não era direcionada a ela, por esse ato de ir contra o esperado de uma mulher daquele período, foi punida diversas vezes, esses questionamentos também são refletidos por Woolf (2019).

Esse sufocamento de discurso era tão normalizado que poucas iam contra, “éramos uma nova geração de mulheres negras que tinham sido ensinadas a se submeter, aceitar a inferioridade sexual e a permanecer em silêncio.” (hooks, 2019, p. 18). Caladas em seus discursos, tinham suas vozes tomadas por homens que estavam em uma hierarquia social vista como superior.

Como defensora do feminismo negro, hooks (2019) evidencia que além das questões que oprimiam o gênero feminino, ser mulher negra acentuava a necessária luta contra a opressão sexista, tão excludente quanto o racismo, que considerava “raça como o único rótulo relevante de identificação.” (hooks. 2019, p.17). Buscar a paridade racial era algo que hooks (2019) acreditava ser preciso e qualquer outro avanço alcançado por mulheres negras

“beneficiaria todas as pessoas negras.” (hooks, 2019. p.18), pois daria margem para que outras pessoas lutassem pelos mesmos objetivos.

Ainda assim, hooks (2019) relembra que na época da luta pelos direitos ao voto do fim do século XIX ao início do século XX, as mulheres negras de ativismo mais radical propunham que fosse permitido o sufrágio a todos. Entretanto, elas se encontravam em meio a um embate das mulheres brancas racistas e dos homens ativistas negro, direcionando-as a um impasse: seria um retrocesso e aliar-se as ativistas brancas que já haviam expressado de forma pública seu racismo, como também era um declínio apoiar os homens negros e reforçar o patriarcalismo que as deixariam sem voz política.

Por resultado de uma sociedade sexista, de acordo com hooks (2019), inicialmente, os homens negros tiveram a oportunidade de voto, e em seus cargos políticos continuaram a invisibilizar e induzir mulheres negras à subserviência. Essa dupla desvalorização da mulher afro-americana, só reforçava a subjugação que silenciava ainda mais as abolicionistas negras e se tornou mais acentuado após 1960, com o movimento de liberação negra na luta contra o racismo, desencadeando a redefinição dos papéis dos homens e mulheres.

Essa delimitação atinge também a literatura, para hooks (2019), o que irrompia na área literária desse período eram as pressuposições sexista e racistas, afinal, de modo geral, quem escrevia sobre elas? Indivíduos brancos. Quando mulheres negras exerciam a escrita, seus trabalhos habitualmente eram editados e publicados por pessoas brancas.

Segundo hooks (2019), após tantos anos de condicionamento, as mulheres pretas tinham receio de se manifestar literariamente contra os moldes racista e sexistas, “parecem relutantes em examinar o impacto do sexismo na posição social da mulher negra.” (hooks. 2019, p. 32), para a autora, é difícil abandonar de forma imediata a sujeição a um papel servil.

Para reiterarmos as abordagens já discutidas, traremos problematizações sobre literatura de autoria feminina à luz de Rosângela de Melo Rodrigues que visa as questões que permeiam o universo da escrita por mulheres, como certos fatores podem influenciar ou afetar esse processo de produção literária e como elas constroem essas narrativas destinadas a outras mulheres, “Neste sentido, é necessário buscar entender como o olhar de mulheres percebe e descreve as mulheres de nosso tempo” (RODRIGUES, 2015, p.349), pois é importante entender como a mulher se representa através da literatura, uma vez que outrora, era representada predominantemente pela ótica do sexo oposto.

Em um recorte de algumas obras, Rodrigues (2015, p. 168-169) investiga essa escrita com resquícios de medo que interfere escritoras brasileiras, de acordo com a autora, de

debater a condição de minoria referente à mulher e reflete sobre quem é o público leitor dessas obras.

Além disso, segundo Rodrigues (2015), as condições sociais para quem é leitor de novelas e romances em nosso país, em sua maioria precisa escolher entre a aquisição de uma obra literária ou suprir com as necessidades básicas, ou seja, fatores sociais e de classe econômica também ecoam na produção e consumo literário.

Percebemos que Rodrigues (2015) vê na literatura ficcional um meio de viabilizar questões que problematizem padrões comportamentais que vedam a liberdade de grupos minoritários e do falar por aqueles que são subjugados:

No rol dos escritos literários, a narrativa ficcional ocupa lugar privilegiado como veículo transmissor de ideias que provocam revisões e combates de comportamentos não condizentes com a preservação dos direitos e da liberdade de minorias sociais, étnicas, sexuais e outras. Tendo essa orientação em mente, ratificamos o comprometimento ideológico de toda fala pública, e a não permanência hoje de produções literárias que tenham como motivação apenas o entretenimento acrítico. A obra literária deve tocar nas feridas abertas pela sociedade onde ela se insere, e os autores também devem trazer à tona, na superfície do texto, aquilo que incomoda, denigre, violenta, amedronta e fere aqueles destituídos de voz, que sofrem em silêncio e em solidão. (RODRIGUES, 2015, p 343-344)

Deste modo, a literatura pode ter um papel crítico e apontar aquilo que é emergente em uma sociedade (tais como desigualdade social, opressões, sexualidade etc.) que condiciona minorias a permanecerem em um silêncio, todavia, esse silenciamento é benéfico para aqueles que muito tinham a ganhar com a invisibilidade dos discursos minoritários (RODRIGUES, 2016, p. 21).

Devido essa repressão literária, Rodrigues (2016) aponta que as autoras e leitoras também reforçam o poder falocrático ao performatizar uma escrita e/ou personagens mulheres que não fogem do biopoder e do androcentrismo, e que pelo contrário, se afastam ficcionalmente das narrativas de subversão. Por efeito, a pesquisadora afirma que escritoras contemporâneas reforçam um modelo canônico androcêntrico e inseguro de posicionar a condição de si.

Como já apresentamos as discussões propostas por hooks enquanto mulher negra defensora do feminismo, apontaremos a ótica de Djamilia Taís Ribeiro dos Santos, renomada filósofa, escritora e ativista social (e digital) da contemporaneidade, que se empenha em questionar sobre gênero, machismo, racismo estrutural, desigualdades sociais e feminismo negro.

A luta por equidade social de Djamila Ribeiro é algo que ela já vivenciava no seio familiar, seu pai era um ativista do movimento negro e sempre a incentivou de se orgulhar por suas raízes e tudo que elas simbolizavam, por isso, a autora reflete:

(...) falar de mulher, em termos de aspiração e projeto, rebeldia e constante busca de transformação, falar de tudo o que envolva a condição feminina, não é só uma vontade de ver essa mulher reabilitada nos planos econômico, social e cultural. É mais do que isso. É assumir a postura incômoda de se indignar com o fenômeno histórico em que metade da humanidade se viu milenarmente excluída nas diferentes sociedades no decorrer dos tempos (RIBEIRO, 2018, p. 44).

Nas concepções de Ribeiro (2018), avanços já foram alcançados contra o machismo e racismo, mas muito ainda precisa ser revisto, repensado e a luta por reverter esses preconceitos deve continuar. A filósofa aponta que refletir sobre o feminismo negro, é pensar em projetos para democratizar as condições sociais daqueles que desde a época do Brasil Colônia ainda batalham pela garantia de direitos humanos básicos sociais.

No que concerne ao feminismo, para a ativista, o feminismo universal não abarca as particularidades da mulher negra, sobretudo pela visão de que somos histórias múltiplas e por isso, segundo Ribeiro (2018), torna-se tão emergente o lugar de fala, “nossa luta é para pensar as bases de um novo marco civilizatório” (RIBEIRO, 2018, p. 27). A escritora afirma ainda que a estrutura opressiva não irá mudar se apenas a supremacia branca falar por pessoas negras.

Ribeiro (2017) demonstra que, epistemologicamente, é preciso que outras intelectuais negras que abordam o feminismo não hegemônico e ocidental sejam lidas, estudadas e discutidas, pois “esses discursos trazidos por essas autoras são contra hegemônicos no sentido de que visam desestabilizar a norma, mas igualmente são discursos potentes e bem construídos a partir de outros referenciais e geografias [...]” (RIBEIRO, 2017, p. 90). Nessa concepção, é preciso abrir portas para outras pensadoras que refletem o feminismo para mulheres negras.

Entretanto, a própria Ribeiro (2018) relata que se sentia deslocada socialmente, enquanto mulher negra que frequentava locais que culpavam pessoas pretas de qualquer problema, sofria preconceitos nos mais variados locais, e já sentiu na pele o silenciamento que várias vezes foi imposto pela sociedade ao inferiorizar suas capacidades intelectuais/profissionais ou até mesmo, o silenciamento era autoimposto em uma tentativa de passar despercebida.

Para Ribeiro (2018), acontecimentos como o mencionado acima precisam ser revistos pelas mulheres negras:

É essencial para o prosseguimento da luta feminista que as mulheres negras reconheçam a vantagem especial que nossa perspectiva de marginalidade os dá e façam uso dessa perspectiva para criticar a dominação racista, classista e sexista, para refutá-la e criar uma contra-hegemonia. Estou sugerindo que temos um papel central a desempenhar na realização da teoria feminista e uma contribuição a oferecer que é única e valiosa (RIBEIRO, 2018, p. 122).

Através dessas visões panorâmicas das inferências dessas autoras e críticas literárias dos séculos XIX e XX até a contemporaneidade aqui apresentadas, podemos compreender que é de suma importância a mulher ter direito à escrita, ao letramento acadêmico, à pesquisa. Essas mulheres saíram de lugares segregados socialmente para contribuir com críticas sociais que repensam o lugar da mulher, questões de gênero e feminismo negro e vários aspectos sociais que não lhes eram permitidos fazer parte.

3 CIRCUNSTÂNCIAS, PERSPECTIVAS E DIFICULDADES DA AUTORIA FEMININA NA CONTEMPORANEIDADE

No ensaio *Um teto todo seu*, Woolf (2014) cria um cenário fictício, cuja o *alter ego* reflete sobre mulher e ficção, realizando uma pesquisa na biblioteca com várias reflexões sobre as condições sociais que as mulheres do século XIX e anteriores a este enfrentavam para desempenhar a escrita. Pela visão woolfiana, historicamente, os homens detinham de mais vantagens sociais que permitiam a estes privilégios, mais conhecimentos acadêmicos, a oportunidade de se expressarem sem o medo de represálias, se comparado às mulheres, e a questão financeira, já que as mulheres nem sempre puderam trabalhar remunerado, entre outros fatores.

Neste momento, iremos focalizar nas críticas elencadas por Virgínia Woolf na obra *Um teto todo seu* e a partir de das concepções presentes no livro, iremos comparar com as visões das três escritoras paraibanas: Fabiana Araújo, Jadna Alana, Samelly Xavier. Através da participação do nosso questionário (ver apêndice B), as participantes puderam relatar suas percepções de como em pleno século XXI, foram afetadas por fatores socioculturais e econômicos e o que já teve de avanço para àquelas que se destinam a adentrar o universo da literatura. Através das contribuições dessas três autoras, podemos realizar um comparativo entre fatores atuais e os que são apontados pela ensaísta Woolf há quase um século.

Sobre as participantes, são escritoras paraibanas há anos e nos apresentam como foram suas trajetórias como literatas. Para uma melhor contextualização e compreensão das respostas fornecidas ao questionário, é válido apresentarmos estas autoras, inclusive, uma delas, Fabiana Araújo, formada em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), se intitula como escritora desconhecida e ex-blogueira, relata que a escrita sempre fez parte de sua vida. É autora do livro de poemas *O vazio dos teus olhos* e dos contos *Todo mundo já viu a minha bunda* e *Eu falei de você para o meu psiquiatra*.

Outra participante também formada em Letras pela UEPB é a escritora Jadna Alana, exerce a escrita literária desde os seus 18 anos. É autora dos romances publicados *A saga dos Seis Portais*, *A princesa de Ônix*, *O retorno do príncipe*, *Riacho de jerimum* e *Para onde vão as sombras*, também conta com participação na coletânea *Os Supremos* e em outros livros publicados.

Concluindo a apresentação das escritoras participantes, Samelly Xavier é formada pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e possui uma grande bagagem literária, entre os livros de sua autoria estão *ETC*, *Universo: o verso une*, e *Ousadia*.

Após discorrer sobre as escritoras contemporâneas acima, podemos nos voltar para o ensaio *Um teto todo seu*, onde Woolf traz à tona questões que servem de muros para a escrita feminina em sua época e em séculos anteriores e reflete sobre a discrepância social que o gênero feminino enfrentava à época em comparativo com o gênero masculino para exercer a escrita ficcional.

O livro é resultado de dois artigos que a autora havia realizado após ser convidada para palestrar sobre “As mulheres e ficção” em duas universidades inglesas com estudo exclusivo para mulheres. Woolf (2014) informa no ensaio que irá refletir os pontos que a levaram a crer que dinheiro e um local adequado para a escrita é algo essencial para que escritoras pudessem desempenharem tal papel:

Tudo que eu poderia fazer seria dar-lhes a minha opinião sob um ponto de vista mais singelo: uma mulher precisa ter dinheiro e um teto todo seu, um espaço próprio, se quiser escrever ficção; e isso, como vocês verão, deixa sem solução o grande problema da verdadeira natureza da mulher e da verdadeira natureza da ficção. (...) Mulher e ficção permanecem, no que me concerne, problemas não resolvidos. Mas, em compensação, vou fazer o possível para mostrar como formei essa opinião acerca do espaço próprio e do dinheiro. (WOOLF, 2014, p. 12)

Para consolidar ainda mais suas opiniões, Woolf (2014) cria um local fictício para ambientar uma sociedade que exclui mulheres de locais que hoje podem ser circulados por mulheres sem a presença masculina e nos apresenta a personagem Mary que será a porta voz das problematizações apontadas ao longo do ensaio. A ensaísta vai citando pontos e hipóteses que comprovam a assimetria de fatores que (im)possibilitam o potencial criativo de acordo com o papel social de cada sexo.

Logo de início, Woolf (2014) já explicita que mulher e ficção é um obstáculo ainda não resolvido, pois é necessário que a mulher escritora tenha um ambiente propício à escrita (um teto todo seu) e condições financeiras e levanta os seguintes questionamentos relevantes à época do ensaio:

Por que um sexo é tão próspero e o outro, tão pobre? Que efeito tem a pobreza sobre a ficção? Quais as condições necessárias para a criação de obras de arte? – milhares de perguntas se insinuaram ao mesmo tempo. Mas era preciso respostas, não perguntas; (...) Assim munida, assim confiante e inquisitiva, saí em busca da verdade. (WOOLF, 2014, p. 41-42)

De acordo com as experiências como escritora do século XXI de uma das entrevistadas, os obstáculos mais acentuados no processo de criação literária são o fator financeiro que ao recorrer a um trabalho remunerado demanda tempo e é cansativo a conciliação de ambas as funções:

(...) Escrita não dá dinheiro, então preciso trabalhar como revisora, preparadora de textos para conseguir me manter. Isso consome grande parte do meu tempo, o que dificulta os horários, visto que já passo o dia todo na tela do computador revisando livros e mais livros de outras pessoas. No final do dia, o que menos quero ver são mais textos. (Jadna Alana)

Esse relato de Jadna Alana, se entrecruza com de Woolf (2014, p. 41) sobre a questão financeira afetar a escrita, ainda que indiretamente, pois para Jadna, viver da arte não é ainda uma alternativa e ao recorrer a um trabalho remunerado, sua produção é afetada pelo cansaço.

Woolf (2014) reflete também “Que efeito tem a pobreza sobre a ficção? Quais as condições necessárias para a criação de obras de arte?” A ausência de um aporte financeiro que possibilite um maior tempo e dedicação para a produção literária, também pode interferir na escrita, por diversos fatores, dentre eles, o tempo que é dedicado para outras atividades que sejam pagas, para a maioria das mulheres é necessário desempenhar jornadas triplas (trabalho empregatício, dona de casa e escritora), pode dificultar o acesso a conhecimentos que agregariam às suas obras e o lazer lançado para segundo plano.

Woolf (2014) relembra que enquanto os homens estavam há tempos seguindo diversas carreiras, ganhando notoriedade na escrita e se consagrando como cânones, as mulheres estavam ainda recorrendo ao direito do sufrágio. Após aprovação do decreto que permitia que as mulheres pudessem votar, isso permitiu que elas pudessem também recorrer a novos direitos e inclusive novos cargos de trabalho que não fossem voltados a domesticidade.

Embora muitos avanços sociais e políticos tenham ocorrido, a escritora Fabiana Araújo argumenta:

(...) Mas, é inegável que existe a falta de políticas públicas para escritores, principalmente para mulheres, pois acredito que a sociedade tenha essa dívida conosco, por historicamente sabermos que muitas mulheres foram impedidas de escrever ou tiveram suas obras roubadas por homens. Também acredito que seja importante pontuar que sou uma mulher escritora branca. Ser branca numa sociedade racista me deu privilégios, como autoestima para escrever e publicar o que escrevo.

Com essa colocação da autora, vemos que outras dificuldades são ainda somadas as que já foram aqui discutidas sobre as condições de escrita da mulher no século XXI. Podemos lembrar que hooks (2019), já havia tocado nessa tecla que ser mulher negra em uma sociedade racista e machista, é ser duas vezes mais desvalorizada (ser mulher e ser mulher

negra), e Fabiana Araújo pertinentemente reconhece que na contemporaneidade, a cor da pele ainda é algo que privilegia pessoas brancas de tão entranhando que o racismo ainda está em nossa sociedade.

Como descrito pela escritora, historicamente, mulheres escritoras sofreram com este ambiente fundamentalmente masculino ao terem suas escritas tolhidas, para tanto, retomamos o que foi argumentado por Duarte (2003; 2016) que exemplifica a questão do silenciamento que muitas mulheres literatas sofreram ao ter suas obras desvalorizadas e ou sem identificação pessoal para evitar retaliação social.

Consequentemente, mulheres não eram comumente incentivadas a escrita, a leitura, ou a desenvolver um pensamento crítico nos séculos anteriores. Quando iam contra o imaginário social e rompiam com uma cultura já cimentada na crença de uma intelectualidade da mulher ser inferior a do homem, não encontravam apoio social ou familiar.

Woolf (2014) deixa claro que “O mundo não dizia a ela, como dizia a eles: “escreva se quiser, não faz diferença para mim”. O mundo dizia, gargalhando: “Escrever? O que há de bom na sua escrita?”” (WOOLF, 2014, p. 78), pelo contrário, “Suponhamos que um pai com as melhores intenções não quisesse que a filha saísse de casa e se tornasse escritora, pintora ou intelectual.” (WOOLF, 2014, p. 79), a autora reflete que a falta de incentivo também vinha do ambiente familiar, assim como da sociedade.

Percebemos que havia um discurso desencorajador sobre papéis sociais que as mulheres deveriam desempenhar e que sempre era determinado por terceiros (família, sociedade, religião) e não por elas próprias. Questionadas se já foram desencorajadas nesse processo de escrita por ser do sexo feminino, as escritoras participantes explicam:

Na verdade, não. Costumava ouvir algumas colegas, que vieram antes de mim, comentar coisas assim. Sobre como seus tutores/mentores/professores/editores já usaram o “feminino” para a literatura destas em um lugar menos valorizado; como se esses escritos servissem apenas como um trabalho bobo de entretenimento e não uma obra que poderia ser consagrada e admirada pela estética, sabe? Tenho amigas, inclusive, que passaram a usar uma postura mais séria para serem respeitadas nesse meio, isso incluindo principalmente a forma de se vestir. Ouvir esse tipo de coisa delas me deixa horrorizada embora saiba que é real. No meu caso, nunca aconteceu. Sempre me uni a outras escritoras para reivindicar esse lugar e todos à minha volta o viam e veem com olhar de admiração mesmo. Considero-me sortuda porque sei que esse cenário restritivo existe, principalmente no meio acadêmico (segundo os relatos dessas amigas). (Jadna Alana)

Não. (Fabiana Araújo)

Sempre tem nem que seja um comentário pejorativo querendo desmerecer a obra. Até a roupa que eu usava numa determinada ocasião de um sarau foi questionada por ser curta e eu disse que minha saia era do tamanho da minha paciência, rs. Como lidar com isso? Tentando manter a saúde mental e usando a própria arte como subterfúgio e agente de mudança (Samelly)

Quase um século após o ensaio de Woolf, podemos observar através do relato de Jadna Alana e o posicionamento de Samelly que na atualidade ainda ocorre desencorajamentos ou até mesmo a descrença de uma obra que possa ser tornar consagrada vinda de uma mulher, corroborando com a alegação de Silva (2010, p.83) que alerta sobre a ordem do discurso patriarcalista, pois “prevê papéis fixados por condições marcadamente sexuais, que irão interferir nos marcadores intelectuais (...)”. Se na década de 1920 era algo constante reduzir a intelectualidade de acordo com o gênero, assim como é descrito por Woolf (2014), percebemos que ainda pode ser encontrado este tipo de pensamento na contemporaneidade.

Todavia, não podemos deixar de ponderar que progressos contra essa ideologia falocrática já são visíveis, com base nas escritoras Jadna Alana e Fabiana Araújo, ambas não vivenciaram este tipo de preconceito, o que nos leva a refletir que esse imaginário pré-estabelecido já está tomando novos rumos, a crença de que o gênero/sexo é determinante para uma superioridade intelectual, já não é disseminada com a mesma proporção descrita e observada por Woolf (2014).

Nessa perspectiva que as mulheres eram sujeitadas a serem dependentes dos homens financeiramente, moldadas às convenções sociais e restringidas pelas imposições religiosas, Woolf (2014) reflete que se por um lado a intelectualidade das mulheres era inferiorizada e estas estavam restritas ao ambiente privado, por outro, quando os movimentos feministas e suas “ondas” foram abrindo margem para que elas pudessem exercer o direito do voto e lutar por outras reformas públicas, permitiu desempenhar novas profissões, como escritoras, (papel prevalente ao gênero masculino).

Para Woolf (2014), ter remuneração é indispensável para que a mulher goze de meios para a escrita. Com efeito, é importante que vejamos o que as escritoras contemporâneas afirmam sobre isso, ao serem questionados se já enfrentaram algum empecilho em relação à questão financeira para publicar ou levar suas obras a outras pessoas:

Sim. Tenho um livro de contos pronto e se houvesse dinheiro eu já o teria publicado de forma independente. Porém, meu livro de poemas, publicado em 2018, foi produzido por uma editora de São Paulo e eu não contribuí financeiramente para o projeto. O acordo era de que eu receberia 10% do valor da venda de cada obra e o restante quem recebia era a editora. (Fabiana Araújo)

Certamente. O segundo livro lançado por mim, "A princesa de ônix", demorou mais de um ano para ser lançado porque eu não tinha condições de pagar o que a editora prestadora de serviços pedia em valor. Foi necessário fazer rifas para conseguir atingir a meta. (Jadna Alana)

Como disse, sempre publiquei de forma independente e sim, já deixei de publicar por falta de grana. É uma pena, mas é verdade (Samelly Xavier)

Como se pode observar pela fala das escritoras Fabiana Araújo, Jadna Alana e Samelly Xavier, para elas, a falta de recurso em verbas, já lhes prejudicaram no meio literário, impossibilitando em alguns momentos que levassem adiante as suas obras.

Como já foi amplamente discutido, era comum as mulheres não terem seu dinheiro próprio, seja pela ausência de um trabalho remunerado ou por sua vida financeira ser controlada pelo pai/marido ou outro familiar do sexo masculino, “(...) ganhar dinheiro era impossível para elas, e, em segundo, se isso tivesse sido possível, a lei lhe negaria o direito de possuir o dinheiro ganho. (...) Durante séculos anteriores, o dinheiro teria sido propriedade do marido dela (...)” (WOOLF, 2014, p. 37), para a autora isso era um dos empecilhos que causavam pobreza ao sexo feminino.

Apesar de que na presente época as mulheres já tenham esses direitos garantidos, nem sempre conseguem publicar suas produções literárias devido à ausência de proventos, em outras palavras, questões financeiras, ainda assim, talvez, esse fator possa ser compreendido como uma consequência econômica de classe e não somente pelo aspecto da mulher escritora.

Conforme a visão woolfiana, além de dinheiro, é imprescindível também que a mulher possua um espaço físico para desenvolver sua ficção, no entanto, já discutimos as abordagens de Paixão (1991), que relata as condições de escrita das mulheres eram dentro do espaço do lar, e isso também é confirmado por Zolin (2005, p. 186) que assegura: “Para a maioria delas, ter um quarto próprio estava fora de questão; o mais comum era dividir conjugados de sala e quarto com toda a família.”, ou seja, a realidade da maioria das escritoras era escrever em ambiente conjugados, pois as mesmas não tinham um local que fosse próprio para esse tipo de atividade.

Através das falas das escritoras participantes, elas explicam se atualmente ou desde sempre, contam/contaram com um espaço só delas (ambiente físico) propício para desenvolver suas criações literárias sem interferências:

Atualmente tenho em casa um ambiente destinado apenas para estudo/trabalho/escrita, mas não foi sempre assim. (Fabiana Araújo)

Desde sempre, não. Durante o período em que cursei Letras precisei dividir apartamento com várias pessoas, o que dificultava esse processo. Não havia paz, era sempre caótico, então geralmente eu só produzia nas férias quando estava na casa dos meus pais. Depois de formada, consegui um canto para mim, no qual hoje consigo ter meu espaço de trabalho e escrita criativa. (Jadna Alana)

Atualmente sim, porque escolhi um estilo de vida que me permite isso (moro numa granja, com meus amigos, discos e livros, como diria Elis), mas a correria da vida cotidiana é totalmente anti-inspiradora e já vivi muito nessa roda viva também. (Samelly Xavier)

Mediante o exposto, é possível contrastar que no presente século, algumas escritoras nem sempre contam com um teto todo seu no qual possam se entregar à ficção sem perturbações externas. Ao observamos os relatos das escritoras, notamos na fala de Jadna Alana que foi preciso compartilhar um teto com outras pessoas, deste modo, o ambiente frequentemente estava desfavorável para sua escrita criativa. Ainda que as outras duas autoras não tenham deixado explícito que passaram por este tipo de situação antes de contarem com “um teto todo delas”, pressupomos que o mesmo tenha ocorrido com ambas, tal qual é abordado por Woolf (2014, p. 97).

Além de todos os percalços e desvantagens que historicamente foi vivenciado pelas mulheres até que pudessem participar como criadoras no meio literário, ainda precisaram romper com os preconceitos com a receptividade de suas produções e “(...) é possível mensurar a oposição que havia no ar a que uma mulher escrevesse quando percebemos que até uma mulher com grande inclinação para a escrita foi levada a acreditar que escrever um livro era ridículo a ponto de indicar confusão mental.” (WOOLF, 2014, p. 93). Sob tal ótica, a ensaísta reflete sobre como a mulher e a ficção naquele momento histórico:

Quanta genialidade, quanta integridade devem ter sido necessárias diante de toda aquela crítica, em meio àquela sociedade puramente patriarcal (...) Seria preciso uma jovem muito decidida para desconsiderar todas as críticas, repreensões e promessas de recompensas. A pessoa teria que ter sido uma espécie de ativista para dizer a si mesma: ah, mas eles não podem comparar a literatura também. A literatura está aberta a todos. Recuso-me a permitir que você, mesmo que seja um bedel, me negue acesso ao gramado. Tranque as bibliotecas, se quiser, mas não há portões, nem fechaduras, nem cadeados com os quais você conseguirá trancar a liberdade do meu pensamento. (WOOLF, 2014, p. 108-109)

Durante o ensaio, Woolf (2014) cria um cenário em que a personagem é barrada de entrar em uma biblioteca, por estar desacompanhada de um estudante homem (WOOLF, 2014, p. 17), considerando as visões de Duarte (2003), compreendemos que essa ação narrada por Woolf (2014) é altamente simbólica, visto que bibliotecas são ambientes repletos de livros, pesquisas e conhecimento.

Negar o acesso da mulher a este local, simboliza também que as mesmas por muito tempo estiveram limitadas a conhecimentos que homens podiam obter. Depreendemos ainda que isso se configura como uma evidência da disparidade social que a mulher era subjugada e que poderia inclusive ser refletida nas produções literárias realizadas por mulheres.

Como já pontuado por Paixão (1991) e Duarte (2011), as mulheres eram culturalmente desencorajadas de exercer a escrita, de procurar conhecimentos que não fossem para uma vida domésticas e corroborasse com que estas viessem a ter meios de desenvolver sua liberdade de

pensamento, similarmente, Woolf (2014) se refere a alegoria do espelho para explicar sua visão de como funciona o discurso idealizado pelos homens a respeito de uma supremacia masculina que acreditam ser presente em suas obras.

Eventualmente, quando as mulheres se puseram a produzir literatura, já citamos em Duarte (2003) que suas obras ficcionais eram inicialmente repudiadas e ridicularizadas socialmente quando expostas ao público, sobretudo pela visão estigmatizada de que homens tinham um intelecto superior

Em virtude dos da recepção sócio-histórica quando as mulheres tornavam públicas seus escritos, questionamos as três escritoras contemporâneas, quais eram suas perspectivas de receptividade do público leitor quando deram início ao hábito da escrita e quais são suas perspectivas hoje:

Minha maior perspectiva é sempre a de ser lida. Como não dependo financeiramente da venda dos meus livros, muitos deles foram doados e dados de presente a pessoas próximas para que elas pudessem conhecer o que escrevo. (Fabiana Araújo)

No começo, não coloquei muitas expectativas. Tinha noção de que estava começando. Queria que eles gostassem, claro, **mas estava me preparando para a crítica. Ela veio, óbvio. Às vezes, me atingia em cheio, outras não.** Com o tempo me acostumei. Hoje em dia, acho que me considero da mesma forma, a diferença é que não sou mais aquela escritora ingênua, então sei bem o que coloco no mesmo texto a ponto de não me abalar tanto com as críticas, na maioria das vezes sei que elas vêm. (Jadna Alana, grifo nosso)

Acho que isso não mudou muito desde que publiquei meu primeiro livro, aos 16 anos: reconhecimento é bom, mas identificação é melhor. As pessoas podem reconhecer como grande poeta alguém que não lhe toque; eu prefiro a identificação, amo quando alguém diz que eu escrevi exatamente o que ele sentia e não saberia expressar. É o que acontece comigo com alguns autores e saber que posso ser essa voz maior para outras pessoas me honra demais (Samelly Xavier)

Identificamos na fala das escritoras, diferentes perspectivas de recepção às suas obras: ser lida, apreciação e identificação. Especulamos que as pioneiras no meio literário e as que vieram após estas, também almejavam tais reconhecimentos, mas como já foi arrolado, sob a égide de uma sociedade falocentrista, a realidade era outra e só após o rompimento desse imaginário difundido em alicerces estereotipados é que essas construções ideológicas foram mudando.

É ressaltado por Jadna Alana que a crítica (não construtiva), também se fez presente e ela já se preparava para isso em suas perspectivas de recepção antes de expor suas obras ao público, ademais, acreditamos que em qualquer meio artístico é e será inevitável.

Conforme já discutido à luz de Woolf (2014), as obras de autoria feminina eram depreciadas e tanto autoras quanto as criações literárias eram menosprezadas, uma vez que

esse era um papel desempenhando predominante por indivíduos masculinos e a elas eram determinados a incumbência doméstica.

A partir das contribuições das escritoras contemporâneas, tentamos compreender se enquanto sujeito que faz parte de um gênero ainda marginalizado em alguns aspectos, se elas já vivenciaram ou ouviram em alguma esfera da vida, a crença de que por serem mulheres deveriam desempenhar outras funções:

Se já ouvi algo assim de forma direta, eu não lembro. (Fabiana Araújo)

Não ouvi por ser mulher, mas por ser artista num geral. Aquele discurso padrão de "escrita não dá dinheiro". Não dá mesmo, mas eu amo, fazer o quê? É importante mencionar que ainda no meio editorial foi atribuído às mulheres o "dever" de escrever romances, como se assim elas mostrassem o lado "feminino", como se o feminino mais uma vez estivesse atrelado ao delicado etc. Já ouvi escritoras de fantasia mencionarem que um livro sobre dragões e assassinatos eram mascarados por capas gentis e fofas, porque as editoras não associavam dragões e mortes à escrita feminina, principalmente porque escrever alta fantasia deveria ser uma função dos homens, não é? Hoje em dia não vejo mais esse tipo de coisa, no entanto já ouvi relatos do que ocorria no mercado antes. (Jadna Alana)

Ah, sempre. Já ouvi até de ex parceiro enquanto eu estava na frente do computador escrevendo um texto que 'esse povo da literatura é tudo meio doido' e que eu devia me ocupar de coisas mais funcionais. Aí me lembro de Nietzsche: os que dançavam foram considerados loucos pelos que não escutam a música. Eu escuto e a reverencio. (Samelly Xavier)

A respeito do arquétipo machista de “atividades sexualmente marcadas” (SILVA, 2010, p.82), notamos nas falas das participantes que ter um vínculo com a literatura, foi visto como algo banalizado e não pela questão de gênero, para algumas situações, ou seja, a arte em si que foi desvalorizada.

Ainda assim, é válido ressaltar que Woolf (2014) também elencou a questão das temáticas escritas por mulheres, que muito era esperado poemas e recato (e muitas seguiram esse padrão), não romances ou temas que retratassem os desejos e a sexualidade (que algumas se aventuraram). Nesta perspectiva, recordamos o ponto de vista de Silva (2010) sobre a simbologia das antigas e novas perspectivas que causam dilema na criação ficcional relacionado a subversão ou sujeição. Pelo que já foi apontado até aqui, havia um forte ideal de dominação dos corpos da mulheres, dos seus papéis sociais e também quanto aquilo que acreditava-se ser o foco de escrita de autoria feminina.

Em contraste com as percepções de Woolf (2014) das teóricas e das escritoras participantes, é possível ter um panorama de como foi a recepção social ao longo dos séculos até o presente referente a literatura de autoria feminina e esse papel social por elas desempenhado.

Sob outro ângulo, salientamos que Woolf (2014) foi enfática ao explicitar que toda a crítica e discriminação que as autoras sabiam que iriam passar caso se expusessem nesse meio na de 1920 (e antes), resultavam em literatas que não assinavam suas obras diretamente, antes recorriam a pseudônimos (especialmente masculinos para serem aceitos) ou nomes abreviados/neutros que não denunciasses ser uma mulher a criadora.

Mais uma vez recorremos as escritoras que participaram de nosso questionário e indagamos, para elas, o que representa hoje poderem assinar suas próprias obras, sem recorrer a pseudônimos ou abreviações de nomes neutros devido à misoginia ou à marginalização:

Uma vitória do feminismo. (Fabiana Silva)

Parece loucura que um dia mulheres precisaram fazer isso para que hoje eu pudesse estampar meu nome em uma capa de um livro, sabe? Sempre me pego em lágrimas quando assisto filmes das grandes autoras que usaram pseudônimos. É quase um sonho olhar na estante da minha casa e reconhecer meu nome nas lombadas junto com tantas outras autoras. Eternamente grata àquelas que vieram antes de nós. (Jadna Alana)

Antes de tudo, um agradecimento profundo por quem abriu as portas antes; e, depois, uma responsabilidade para que muito mais portas se abram. Somos todas netas de uma Nísia Floresta, Pagu, Clarice da vida... (Samelly Xavier)

Em primeiro lugar, é importante deixar claro que não nos referimos a assinatura de pseudônimos como algo execrável, visto que podem ser usados por quem se interessa em não se identificar ou que tenha outros motivos para tal. Apenas mencionamos acerca dos preconceitos que eram gerados há quase um século e antes disso que nem toda escritora estava disposta a encarar, pois como já refletimos ao longo da pesquisa, era algo que não era bem visto quando exercido pelo sexo feminino.

Depreendemos que passado décadas, já não é mais corriqueiro que mulheres sofram retaliações na mesma medida que antes por produzir literatura, e é por isso que fica visível o orgulho das escritoras em demarcar suas obras como suas, além do reconhecimento que elas evidenciam ser resultado de um movimento que deu margens para que precursoras no meio literário motivassem outras mulheres e continuassem lutando por direitos cada vez mais igualitários.

Entre os pontos refletidos por Woolf (2014) a autora problematiza a respeito da androginia, “me fizeram questionar se há dois sexos na mente, correspondentes ao sexo do corpo, e se eles também precisam estar unidos para satisfação e felicidade completa.” (WOOLF, 2014, p. 138), no qual a autora infere que duas forças residem no corpo de cada indivíduo. Para Woolf (2014), no cérebro prevaleceria a força do gênero oposto e seria necessária uma comunicação entre a parte homem e parte mulher que está dentro de si:

E prossegui, de forma superficial, para o esboço de um esquema da alma pelo qual em cada um de nós residiriam duas forças, uma masculina e uma feminina: no cérebro do homem, este predomina sobre a mulher, e no cérebro da mulher, esta predomina sobre o homem (...) Se a pessoa é um homem, ainda assim a porção mulher de seu cérebro deve produzir resultados; e a mulher também deve se comunicar com o homem que há dentro de si. (WOOLF, 2014, p. 138-139)

A autora apresenta no ensaio, um desdobramento metafórico para afirmar que a sentença andrógina na escrita, está no ato de driblar a linguagem e produzir uma escrita com palavras libertas em todos os sentidos, para isso, a mente do(a) escritor(a) deve ser desimpedido(a) de amarras e preconceitos para que os dois sexos que habitem a mente e corpo humano e cooperem mutuamente.

Nesta visão woolfiana, a escrita pode ser desenvolvida em um ideário andrógino, no qual a literatura “perfeita” e “genial” permite a expressão livre da arte, do pensamento, “É quando essa fusão ocorre que a mente é fertilizada por completo e usa todas as suas faculdades.” (WOOLF, 2014, p. 139), ou seja, para Woolf (2014), a mente do(a) escritora(a) deve ter a parte referente ao sexo oposto para uma harmonia.

No século XX, Virgínia Woolf vivia em um ambiente opressor para tais reflexões, que eram socialmente silenciados, ainda assim, a autora levantou alguns questionamentos no tocante do que era ser mulher e como isso poderia afetar a literatura, pois a autora a assegura que “A totalidade da mente precisa estar aberta para termos a sensação de que o escritor está transmitindo sua experiência com perfeita plenitude. É preciso haver liberdade, é preciso haver paz.” (WOOLF, 2014, p. 147), isto é, liberdade criativa está intrinsicamente ligada ao que o artista irá criar.

Nos voltamos para as escritoras contemporâneas participantes e interrogamos se para elas, existe uma escrita singularmente feminina ou ela independe de gênero:

Acredito que a escrita independe do gênero, porém, alguns temas acabam sendo recorrentes em escritas produzidas por mulheres por socialmente estarem atrelados a nossas vivências. É inegável que a experiência de uma mulher em uma sociedade machista é diferente da que é vivenciada por um homem, e que isso pode refletir no processo de criação literária. (Fabiana Araújo)

O escritor veste o personagem que quiser, entona a voz como lhe for necessário, movimenta-se em passos que antes nunca tentou: não acho que a escrita tenha gênero. Desde que haja estudo, uma mulher pode entonar a arrogância de um homem e um homem pode esculpir através das palavras doçuras. Aí é que está a mágica da escrita, da arte. (Jadna Alana)

Acredito que a literatura fala sobre subjetividades e jeitos de ser no mundo. O gênero nos atravessa, portanto, a literatura reflete isso também. Mas há muitas particularidades e nuances no ser mulher, então, não dá pra generalizar uma

literatura feminina. Somos plural nas experiências, nos sentires e, igual modo, na arte escrita (Samelly Xavier)

Como observamos as considerações de Woolf (2014), a androginia acontece na mente e pode refletir na escrita para a produção literária de uma arte assexuada, para as escritoras contemporâneas que participaram do questionário, a escrita independe do gênero, todavia, as pluralidades de cada ser podem refletir na criação literária.

Ademais, acrescentam que os escritores e escritoras podem utilizar a subjetividade, aspectos e elementos que forem necessários para moldar a ficção através da linguagem, mas que ainda assim, há nuances sobre “o ser mulher” que ninguém melhor que as próprias para falar sobre.

Após arrolarmos as reflexões geradas por Woolf (2014) em *Um teto todo seu*, a autora finaliza a obra retomando sua hipótese inicial de que para produzir ficção, a mulher precisa de uma renda anual e um local adequado para a sua escrita, e sustenta que “Contanto que você escreva o que tiver vontade de escrever, isso é tudo o que importa; e se isso importará por eras ou por horas, ninguém pode afirmar.” (WOOLF, 2014, p. 149), nesse sentido, independentemente de qualquer obstáculo, produzir literatura deve ser sempre exercida.

A ensaísta afirma que a liberdade intelectual está atrelada ao material, por este motivo, foi insistente com o espaço e renda própria. Woolf (2014) relembra que graças às pioneiras na literatura, portas foram abertas para novas mulheres que quisessem fazer parte da ficcionalização literária e:

Por essa razão, eu pediria a vocês que escrevessem todo tipo de livro, não hesitando diante de nenhum tema, por mais trivial ou vasto que seja. De qualquer maneira, espero que vocês tenham dinheiro suficiente para viajar e vagar, para contemplar o futuro ou o passado do mundo, para sonhar com livros, tardar em esquinas de ruas e deixar que a linha de pensamento mergulhe fundo na correnteza. Porque de jeito nenhum quero confiná-las a ficção. (...) Assim, quando lhes peço que escrevam mais livros, estou a incitá-las a fazer o melhor para vocês e o melhor para o mundo como um todo. (WOOLF, 2014, p. 153)

A autora continua descortinando seus motivos para tais questionamentos e o que anseia para as próximas escritoras, “Portanto, quando lhes peço que ganhem dinheiro e tenham um espaço para si, estou pedindo, ao que parece, que levem uma vida revigorante na presença da realidade, quer consigam ou não transmiti-la.” (WOOLF, 2014, p. 154-155) e encerra sua crítica alegando que os grandes poetas não morrem:

Mas acredito que essa poeta que nunca escreveu uma linha e foi enterrada no cruzamento ainda está viva. Ela está viva em você e em mim, em muitas outras mulheres que não estão aqui esta noite, porque esta noite, porque estão lavando a louça ou colocando os filhos na cama. Mas ela está viva, pois os grandes poetas

nunca morrem; são presenças duradouras (...) Pois acredito que se vivermos por mais de um século (...) e tivermos quinhentas libras por ano e um espaço próprio; se cultivarmos o hábito da liberdade e a coragem de escrever exatamente o que pensamos; se fugirmos um pouco das salas de visitas e enxergarmos o ser humano não apenas em relação aos outros, mas em relação à realidade, ao céu, às árvores ou a qualquer coisa que possa existir em si mesma; (...) então a oportunidade surgirá, e a poeta morta que era irmã de Shakespeare encarnará no corpo que tantas vezes sacrificou. (WOOLF, 2014, p. 158-159)

Por este motivo, a autora acredita que em um século, novas oportunidades podem surgir, se as mulheres literárias não esquecerem de cultivarem a autonomia, conquistarem um espaço delas e emancipação financeira, ou praticar a escrita mesmo na pobreza, valerá a pena.

Após quase um século desde o ensaio, nos voltamos para as três participantes e seus relatos das perspectivas enquanto escritoras no século XXI, quais foram os avanços que as mulheres tiveram desde a obra “Um teto todo seu” para escrever ficção ou qualquer outro gênero:

Com as conquistas do feminismo, as mulheres foram ganhando autonomia para ocupar os espaços literários, escrever e publicar. Hoje em dia temos grandes escritoras publicadas e premiadas, como grandes editoras comandadas por mulheres. (Fabiana Araújo)

Acredito que o próprio discurso feminista, essa luta diária para que possamos ter voz em todos os espaços que antes eram vistos apenas como "masculinos". Por que o homem pode dar voz a uma personagem feminina, mas a mulher não? Não é ela que primordialmente sabe o que é ser mulher? Imagino que a atenção para esse discurso foi causando essa quebra de barreiras. (Jadna Alana)

A tecnologia, disparadamente, nos permitiu mais contato com o leitor e mais troca entre nossos pares; mais eventos literários, mais editoras com mulheres à frente. Temos muito que caminhar ainda, mas já estamos no caminho. Sigamos. (Samelly Xavier)

Mediante o que foi mensurado pelas escritoras, é notório que para elas, o movimento feminista possibilitou a quebra de paradigmas instaurados no imaginário social que propagava uma assimetria nos papéis sociais desempenhado pelos gêneros, possibilitando que mulheres adentrassem novos cargos públicos. A tecnologia também é um elemento de avanço para a mulher e ficção, pois permite um maior alcance de obras, reconhecimento e interação autor-leitor.

Woolf (2014) não chega a uma conclusão propriamente dita sobre a mulher e “literatura feminina”, apenas a certeza sobre a vitalidade de um teto e dinheiro para a produção de uma literatura de qualidade. A autora informa que “continuamos querendo entender o que é a “literatura feminina”, sem conseguir resolver o aparente problema (...) O fato é que se trata de uma pergunta que ainda mora em nosso imaginário.” (WOOLF, 2014, p.

169), ou seja, para a ensaísta, toda a questão envolvendo mulher e a ficção ainda é um processo de indagações não resolvidas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A nossa pesquisa buscou compreender como se configura o processo de escrita, quais são as condições sociais e dificuldades para a mulher escritora do século XXI em um retrospecto histórico e comparativo com a obra *Um teto todo seu*, de Virgínia Woolf (2014). Como embasamento teórico, recorreremos às pesquisas realizadas na área que analisaram historicamente os fatores sociais e culturais que afetavam autoras e as produções literárias realizadas por elas do século XIX até o século XXI.

No que concerne às informações teóricas, percebemos que todo um processo histórico, movimentos e lutas por equidade foram necessários para que as mulheres saíssem da subserviência iniciassem a subversão. Após anos e anos de posicionamento e assertividade, hoje, elas podem desempenhar diversas atribuições sociais, dentre elas o ato da escrita ficcional que outrora, havia sido privado.

Para entendimento e análise da problemática, utilizamos o método de investigação baseado na aplicação de questionários online e relacionamos às percepções de Woolf (2014) com a ótica das escritoras paraibanas que nos relataram suas visões de como a sociedade recebe “as mulheres e a ficção” atualmente e quais são os obstáculos ainda vivenciados por elas, além dos avanços já ocorridos.

Verificamos que historicamente as mulheres eram colocadas em papéis de subserviência e moldadas para seguirem o que fosse imposto por diversas instituições sociais: família, religião, política. Todas essas instâncias não apoiavam ou incentivavam a livre expressão do pensamento e da arte que fosse desenvolvida pelo gênero feminino.

Observamos que àquelas que rompiam com as visões estereotipadas que culturalmente impregnavam séculos anteriores, eram marginalizadas e tinham suas obras ridicularizadas. Soma-se a isso, a ordem falocêntrica, pautada em uma superioridade masculina em todos os aspectos, tinham a visão de que as mulheres serviam para o lar e desacreditavam das questões voltadas para o intelecto feminino, como algo inferiorizado ao do homem, deste modo, as criações literárias de autoria feminina eram ridicularizadas.

Inicialmente, deduzimos que as autoras contemporâneas gozam de maior liberdade de expressão para suas produções literárias em diversas temáticas se comparado com o que foi refletido no ensaio de Woolf (2014), mas que ainda pode ser encontrado um olhar discriminatório quando a mulher desempenha a função de literata.

De acordo com as respostas fornecidas pelas autoras participantes do questionário, nem todas viveram na pele esse viés machista no espaço literário, mas já souberam de alguém do meio que relatou a experiência de uma subjugação neste meio.

Como resultado dessas reivindicações, nosso trabalho demonstra que a ambição de Woolf (2014) para que em um século novas oportunidades já fossem proporcionadas às mulheres, já se evidencia como algo tangível nos relatos das escritoras contemporâneas, entretanto, constatamos que algumas questões sociais ainda interferem no processo de produção literária, tais como: ausência de um espaço/teto próprio, questões financeiras que impossibilitam a ampla divulgação frente ao mercado editorial, a desvalorização que alguns ainda se apegam não apenas quanto a importância da escrita de autoria feminina, como da própria escrita literária como foi relatado por uma das autoras ter passado por essa forma de escárnio, entre outros pontos que foram elencados ao longo da pesquisa.

Essa discussão que apresentamos, contribui para refletirmos as mudanças já ocorridas ao longo de séculos em relação às incumbências que as mulheres eram subordinadas, e pelo viés patriarcal, deveriam aceitar passivamente toda e qualquer imposição que fossem submetidas.

Nosso estudo se relaciona com a atualidade, pois para compreensão de como está o presente é vital que também tenhamos uma concepção de como foi o passado, o que aconteceu, como era, quais foram as ações que resultaram em determinadas reações, por isso, teorizamos sobre a mulher na literatura do século XIX até o século XXI.

Em outras palavras, concluímos que à luz de *Um teto todo seu* (2014), é evidente que circunstâncias podem colaborar para a assimetria no papel da escrita feminina, tais como: a cultura patriarcalista da época passada ou vigente, os privilégios concedidos aos homens, os meios de desenvolver conhecimentos e o intelecto, e a posição social que for determinado à mulher, desencorajamento para com as literatas, questões financeiras e muitos outros fatores são determinantes para verificarmos as desvantagens entre os gêneros no espaço literário.

Diante do exposto, averiguamos que progressos também já ocorreram, novas possibilidades já foram permitidas às mulheres no qual podem escrever e divulgar suas obras, podem se identificar se assim desejarem, o pseudônimo/anonimato pode ser recorrido com uma escolha ou estratégia e não apenas como alternativa para fugir de censuras. Concluímos ainda que há uma maior liberdade quanto aos conteúdos abordados (ainda que seja esperado que mulher escrevam só romances, de acordo com uma das escritoras participantes).

À vista disso, acreditamos que para chegarmos em um cenário próximo de algo igualitário, esses questionamentos abordados durante toda pesquisa ainda devem ser

discutidos (na escola, no ambiente acadêmico, nas mídias, etc.), como foi citado por uma das participantes, é preciso viabilizar políticas públicas que assegurem direitos às mulheres num todo e conseqüentemente, irá abranger mulheres escritoras e suas obras.

É preciso que discussões e novas pesquisas sejam realizadas para que possamos contemplar novos olhares sobre questões sociais que atingem o gênero feminino e como sugerido por Ribeiro (2018), mais mulheres precisam ser lidas, mais reconhecimento e lugar de fala precisam ser dados a elas.

REFERÊNCIAS

- BRITO, A. R. F; SILVA, F. V.; OLIVEIRA, A. J. S. **Poéticas da intersecção**: ensaios de literatura comparada. Tutóia/Mh<https://doi.org/10.52788/978658993236A>: Diálogos, 2021.
- CUNHA, H. P. (Org.). **Violência simbólica e estratégias de dominação**: produção poética de autoria feminina em dois tempos. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2011.
- Duarte, C. L. **Feminismo e literatura no Brasil**. Estudos Avançados, 17(49), 151-172. Recuperado de <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9950>, (2003).
- Duarte, C. L. **Imprensa feminina e feminista no Brasil**: século XIX – Dicionário Ilustrado. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- hooks, b. **E eu não sou uma mulher?** Mulheres negras e o feminismo. Tradução Bhuvi Libânio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.
- hooks, b. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da Liberdade. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2013.
- hooks, b. **Wounds of Passion**: a witting life. New York: New York and London: Routledge, 1997.
- LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes Ltda, 2003.
- MIGUEL, L. F; BIROLI, F. **Feminismo e política**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2014.
- MILLET, K. **Sexual politics**. Nova Iorque: Doubleday and Company. 1969.
- Paixão, S. **A fala-a-menos**: A repressão do desejo na poesia feminina. Rio de Janeiro: Numem, 1991.
- RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Justificando, 2017.
- RIBEIRO, D. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- RODRIGUES, R. M. **Mulheres e amores em ficções de autoria feminina**. Campina Grande: EDUFCG, 2016.
- RODRIGUES, R. M. **Performatividade e biopoder em narrativas contemporâneas de autoria feminina**: as mulheres ficcionais da coleção amores extremos. 2015. 406 f. Tese – Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2015.
- SCOTT, J. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade. Vol. 20 (2), jul/dez. 1995.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. reimpressão. São Paulo, Cortez, 2007.

SILVA, A. P. D. **Mulheres representadas na literatura de autoria feminina**: vozes de permanência e poética de agressão. Campina Grande: EDUEPB, 2010.

WOOLF, V. **As mulheres devem chorar... ou se unir contra a guerra**: patriarcado e militarismo. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

WOOLF, V. **Um teto todo seu**. Tradução de Bia Nunes de Sousa e Glauco Mattoso. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

ZOLIN, L. O. **Crítica feminista**. In: BONNICI, T; ZOLIN, L. O. (orgs.) Teoria literária: abordagens e tendências contemporâneas. 2. ed. rev. ampl. Maringá: Eduem, 2005, p. 181-203.

APÊNDICE A – CARTA-CONVITE

“CARTA-CONVITE” DO PROJETO DE PESQUISA PARA CONCLUSÃO DO CURSO DE LETRAS – UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

PROJETO DE PESQUISA: **As condições de escrita de autoria feminina: uma análise comparativa de autoras contemporâneas à luz de *Um teto todo seu*, de Virgínia Woolf**

Graduanda: Aluizia Pessoa Araújo

Orientadora: Profa. Dra. Silvana Kelly Gomes de Oliveira

Prezada, gostaríamos de convidá-la para uma breve entrevista, que será utilizada como corpus do trabalho de conclusão de curso de tema “**As condições de escrita de autoria feminina: uma análise comparativa de autoras contemporâneas à luz de *Um teto todo seu*, de Virgínia Woolf**”, que visa a uma reflexão acerca das circunstâncias, perspectivas e dificuldades enfrentadas por escritoras contemporâneas em um comparativo com o cenário apresentado por Woolf no livro citado acima.

A autora aborda as questões que limitam mulheres, sobretudo no ramo da escrita, tais como questões financeiras, sociais e culturais que permeiam a sua época e de outras autoras que vieram antes de seu tempo. Pelo olhar de Woolf, podemos refletir sobre oportunidades que são socialmente delimitadas para homens e mulheres, mesmo que ambos estejam a desempenhar a mesma função. Além disso, de acordo com a autora, para a mulher ter condições de escrita, o ideal é ter autonomia financeira e um teto todo seu.

Para que esta pesquisa possa ser concluída, pensamos em dar o lugar de fala para escritoras contemporâneas que possam nos inteirar com suas experiências no processo da escrita de autoria feminina. Elaboramos um questionário com 9 perguntas a fim de obter dados que terão fins exclusivamente científicos e acadêmicos, no intuito de refletirmos sobre o cenário propiciado às mulheres que se aventuram no universo da escrita atualmente, mediante a obra literária de *Um teto todo seu*.

Solicitamos que esta entrevista seja previamente autorizada para o uso da pesquisa, uma vez que poderemos utilizar trechos das respostas fornecidas para fomentar o resultado da análise que poderá, inclusive, vir a ser publicada. Este termo será registrado em duas vias, para elucidar que as partes envolvidas, pesquisadora e entrevistada, estão cientes e de acordo com a exposição dos dados utilizados. O termo compreenderá que ambas estão acordadas sobre o que é proposto para uso das respostas como corpus e que o sujeito de pesquisa

autoriza a aplicabilidade de suas respostas para incorporar as reflexões sobre a escrita de autoria feminina.

Eu, _____,
declaro ter ciência do que foi proposto e autorizo o uso dos meus dados fornecidos na entrevista para corpus desta pesquisa.

Assinatura: _____ Data: ____/____/____

Eu, Aluizia Pessoa Araújo, declaro que deixei o sujeito entrevistado ciente do funcionamento e da empregabilidade dos dados obtidos pelo questionário para a contribuição do projeto e dos objetivos da pesquisa.

Assinatura: _____ Data: ____/____/____

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO

1. A partir de suas experiências como escritora do século XXI, quais foram e são os obstáculos mais acentuados no processo de criação literária?

Fabiana Araújo: “Eu nunca me senti impedida ou desmotivada a escrever por ser mulher. A escrita sempre esteve presente na minha vida, desde criança, então sempre encarei esse ato como uma pessoa que gosta e precisa escrever. Mas, é inegável que existe a falta de políticas públicas para escritores, principalmente para mulheres, pois acredito que a sociedade tenha essa dívida conosco, por historicamente sabermos que muitas mulheres foram impedidas de escrever ou tiveram suas obras roubadas por homens. Também acredito que seja importante pontuar que sou uma mulher escritora branca. Ser branca numa sociedade racista me deu privilégios, como autoestima para escrever e publicar o que escrevo.”

Jadna Alana: “Hoje em dia, acredito que seja a falta de tempo. Escrita não dá dinheiro, então preciso trabalhar como revisora, preparadora de textos para conseguir me manter. Isso consome grande parte do meu tempo, o que dificulta os horários, visto que já passo o dia todo na tela do computador revisando livros e mais livros de outras pessoas. No final do dia, o que menos quero ver são mais textos.”

Samelly Xavier: “Acho que cada escritor(a) tem suas peculiaridades; eu me identifico muito com um jeito mais Clariciano de ser, ou seja, como a mestra dizia, não me sinto uma escritora profissional, seja lá o que isso queira dizer; logo, gosto de escrever no tempo e na intenção que me apetece. Vejo que esse é um problema pra muitos e muitas autores e autoras: obedecer a regras editoriais; como sempre publiquei de forma mais independente, não me afeta tanto. Mas, de modo geral, eu diria que obedecer às regras padrões do mercado é um dos maiores obstáculos à fluidez da criação literária”

2. Em algum momento já teve desencorajamento ou restrição por ser mulher na intenção de ser escritora (seja por pessoas desse ofício, familiares, amigos)? Caso sim, como você reagiu a esta descredibilidade?

Fabiana Araújo: “Não.”

Jadna Alana: “Na verdade, não. Costumava ouvir algumas colegas, que vieram antes de mim, comentar coisas assim. Sobre como seus tutores/mentores/professores/editores já usaram o "feminino" para a literatura destas em um lugar menos valorizado; como se esses escritos servissem apenas como um trabalho bobo de entretenimento e não uma obra que poderia ser consagrada e admirada pela estética, sabe? Tenho amigas, inclusive, que passaram

a usar uma postura mais séria para serem respeitadas nesse meio, isso incluindo principalmente a forma de se vestir. Ouvir esse tipo de coisa delas me deixa horrorizada embora saiba que é real. No meu caso, nunca aconteceu. Sempre me uni a outras escritoras para reivindicar esse lugar e todos à minha volta o viam e veem com olhar de admiração mesmo. Considero-me sortuda porque sei que esse cenário restritivo existe, principalmente no meio acadêmico (segundo os relatos dessas amigas).”

Samelly Xavier: “Sempre tem nem que seja um comentário pejorativo querendo desmerecer a obra. Até a roupa que eu usava numa determinada ocasião de um sarau foi questionada por ser curta e eu disse que minha saia era do tamanho da minha paciência, rs. Como lidar com isso? Tentando manter a saúde mental e usando a própria arte como subterfúgio e agente de mudança”

3. Houve algum empecilho em relação à questão financeira para publicar ou levar suas obras a outras pessoas?

Fabiana Araújo: “Sim. Tenho um livro de contos pronto e se houvesse dinheiro eu já o teria publicado de forma independente. Porém, meu livro de poemas, publicado em 2018, foi produzido por uma editora de São Paulo e eu não contribuí financeiramente para o projeto. O acordo era de que eu receberia 10% do valor da venda de cada obra e o restante quem recebia era a editora.”

Jadna Alana: “Certamente. O segundo livro lançado por mim, "A princesa de ônix", demorou mais de um ano para ser lançado porque eu não tinha condições de pagar o que a editora prestadora de serviços pedia em valor. Foi necessário fazer rifas para conseguir atingir a meta.”

Samelly Xavier: “Como disse, sempre publiquei de forma independente e sim, já deixei de publicar por falta de grana. É uma pena, mas é verdade”

4. Atualmente ou desde sempre, você conta com um espaço seu (ambiente físico) que seja propício para desenvolver a sua criação literária sem interferências?

Fabiana Araújo: “Atualmente tenho em casa um ambiente destinado apenas para estudo/trabalho/escrita, mas não foi sempre assim.”

Jadna Alana: “Desde sempre, não. Durante o período em que cursei Letras precisei dividir apartamento com várias pessoas, o que dificultava esse processo. Não havia paz, era sempre caótico, então geralmente eu só produzia nas férias quando estava na casa dos meus

país. Depois de formada, consegui um canto para mim, no qual hoje consigo ter meu espaço de trabalho e escrita criativa.”

Samelly Xavier: “Atualmente sim, porque escolhi um estilo de vida que me permite isso (moro numa granja, com meus amigos, discos e livros, como diria Elis), mas a correria da vida cotidiana é totalmente anti-inspiradora e já vivi muito nessa roda viva também.”

5. Quais eram suas perspectivas de receptividade do público leitor quando deu início ao hábito da escrita e quais são suas perspectivas hoje?

Fabiana Araújo: “Minha maior perspectiva é sempre a de ser lida. Como não dependo financeiramente da venda dos meus livros, muitos deles foram doados e dados de presente a pessoas próximas para que elas pudessem conhecer o que escrevo.”

Jadna Alana: “No começo, não coloquei muitas expectativas. Tinha noção de que estava começando. Queria que eles gostassem, claro, mas estava me preparando para a crítica. Ela veio, óbvio. Às vezes, me atingia em cheio, outras não. Com o tempo me acostumei. Hoje em dia, acho que me considero da mesma forma, a diferença é que não sou mais aquela escritora ingênua, então sei bem o que coloco no mesmo texto a ponto de não me abalar tanto com as críticas, na maioria das vezes sei que elas vêm.”

Samelly Xavier: “Acho que isso não mudou muito desde que publiquei meu primeiro livro, aos 16 anos: reconhecimento é bom, mas identificação é melhor. As pessoas podem reconhecer como grande poeta alguém que não lhe toque; eu prefiro a identificação, amo quando alguém diz que eu escrevi exatamente o que ele sentia e não saberia expressar. É o que acontece comigo com alguns autores e saber que posso ser essa voz maior para outras pessoas me honra demais”

6. Enquanto sujeito que faz parte de um gênero ainda marginalizado em alguns aspectos, você já vivenciou ou ouviu em alguma esfera da vida a crença de que por ser mulher deveria desempenhar outras funções?

Fabiana Araújo: “Se já ouvi algo assim de forma direta, eu não lembro.”

Jadna Alana: “Não ouvi por ser mulher, mas por ser artista num geral. Aquele discurso padrão de "escrita não dá dinheiro". Não dá mesmo, mas eu amo, fazer o quê? É importante mencionar que ainda no meio editorial foi atribuído às mulheres o "dever" de escrever romances, como se assim elas mostrassem o lado "feminino", como se o feminino mais uma vez estivesse atrelado ao delicado etc. Já ouvi escritoras de fantasia mencionarem que um livro sobre dragões e assassinatos eram mascarados por capas gentis e fofas, porque

as editoras não associavam dragões e mortes à escrita feminina, principalmente porque escrever alta fantasia deveria ser uma função dos homens, não é? Hoje em dia não vejo mais esse tipo de coisa, no entanto já ouvi relatos do que ocorria no mercado antes.”

Samelly Xavier: “Ah, sempre. Já ouvi até de ex parceiro enquanto eu estava na frente do computador escrevendo um texto que 'esse povo da literatura é tudo meio doido' e que eu devia me ocupar de coisas mais funcionais. Aí me lembro de Nietzsche: os que dançavam foram considerados loucos pelos que não escutam a música. Eu escuto e a reverencio.”

7. Para você, o que representa hoje poder assinar suas próprias obras, sem recorrer a pseudônimos ou abreviações de nomes neutros devido à misoginia ou à marginalização?

Fabiana Araújo: “Uma vitória do feminismo.”

Jadna Alana: “Parece loucura que um dia mulheres precisaram fazer isso para que hoje eu pudesse estampar meu nome em uma capa de um livro, sabe? Sempre me pego em lágrimas quando assisto filmes das grandes autoras que usaram pseudônimos. É quase um sonho olhar na estante da minha casa e reconhecer meu nome nas lombadas junto com tantas outras autoras. Eternamente grata àquelas que vieram antes de nós.”

Samelly Xavier: “Antes de tudo, um agradecimento profundo por quem abriu as portas antes; e, depois, uma responsabilidade para que muito mais portas se abram. Somos todas netas de uma Nísia Floresta, Pagu, Clarice da vida...”

8. Para você, existe uma escrita singularmente feminina ou ela independe de gênero?

Fabiana Araújo: “Acredito que a escrita independe do gênero, porém, alguns temas acabam sendo recorrentes em escritas produzidas por mulheres por socialmente estarem atrelados a nossas vivências. É inegável que a experiência de uma mulher em uma sociedade machista é diferente da que é vivenciada por um homem, e que isso pode refletir no processo de criação literária.”

Jadna Alana: “O escritor veste o personagem que quiser, entona a voz como lhe for necessário, movimenta-se em passos que antes nunca tentou: não acho que a escrita tenha gênero. Desde que haja estudo, uma mulher pode entonar a arrogância de um homem e um homem pode esculpir através das palavras docuras. Aí é que está a mágica da escrita, da arte.”

Samelly Xavier: “Acredito que a literatura fala sobre subjetividades e jeitos de ser no mundo. O gênero nos atravessa, portanto, a literatura reflete isso também. Mas há muitas

particularidades e nuances no ser mulher, então, não dá pra generalizar uma literatura feminina. Somos plurais nas experiências, nos sentires e, igual modo, na arte escrita”

9. Da perspectiva de uma escritora no século XXI, quais foram os avanços para que as mulheres pudessem escrever ficção ou qualquer outro gênero?

Fabiana Araújo: “Com as conquistas do feminismo, as mulheres foram ganhando autonomia para ocupar os espaços literários, escrever e publicar. Hoje em dia temos grandes escritoras publicadas e premiadas, como grandes editoras comandadas por mulheres.”

Jadna Alana: “Acredito que o próprio discurso feminista, essa luta diária para que possamos ter voz em todos os espaços que antes eram vistos apenas como "masculinos". Por que o homem pode dar voz a uma personagem feminina, mas a mulher não? Não é ela que primordialmente sabe o que é ser mulher? Imagino que a atenção para esse discurso foi causando essa quebra de barreiras.”

Samelly Xavier: “A tecnologia, disparadamente, nos permitiu mais contato com o leitor e mais troca entre nossos pares; mais eventos literários, mais editoras com mulheres à frente. Temos muito que caminhar ainda, mas já estamos no caminho. Sigamos.”